



BRASÍLIA, DF - DEZEMBRO DE 1996 - COL. PARTICULAR DE CLÓVIS DA SILVA JAIME

# O QUE É (DES) ORDEM NO CONTEXTO DA CIDADE E DO URBANO?

A música "Desordem" foi escolhida por se considerar sua letra muito importante para o estudo da cidade e do urbano. Também porque focaliza situações da vida na cidade e o comportamento das pessoas de várias situações, tais como: cidadãos em geral, presos, sindicalistas, etc.

Muitas vezes, a lei e a ordem são contestadas, conforme essa música. Entretanto, a ordem é uma premissa muito importante para a manutenção da vida, sem a qual torna-se impossível o desenvolvimento da cidade. Sem leis ou determinações comuns a todos, não é possível manter uma convivência digna entre os seres humanos. A música "Desordem" faz não só uma crítica à ordem social no Brasil, mas também uma investigação sobre o que, afinal, ela é.

"Desordem" foi composta por Sérgio Brito, Marcelo Fromer, Charles Gavin e gravada pelo grupo de rock Titãs, em 1987. A letra narra fatos ocorridos no Brasil na primeira metade da década de 80. Alguns dos fatos citados na música são as fugas de presídios, as brigas entre torcidas rivais, durante e após partidas de futebol, e as greves. Hoje, pode-se perceber que em nossa sociedade mais de 13 anos depois persistem a desordem e os conflitos sociais causados por condições no mínimo semelhantes e, em certos casos, até agravadas. O contingente carcerário é muito grande e se aglomera nos presídios existentes; daí persistem as fugas. Enquanto isso, a população, descontente com medidas governamentais, em especial com o ajuste fiscal e a Reforma Administrativa do governo Fernando Henrique Cardoso, realiza protestos e greves; por exemplo, a paralisação dos funcionários públicos federais.

O grupo Titãs foi ferrenho na crítica social na década de 1980, quando a música popular tinha no rock uma de suas bandeiras para manifestar o pensamento da juventude quanto à realidade do país, à luta de classes, às desigualdades sociais, etc.

A letra da música contextualiza um momento da sociedade; em seu conjunto, analisa desde a atitude dos cidadãos até a das entidades públicas. Há, também, uma consideração quanto ao que pode ser definido por "Desordem", e quem a identifica como tal. Vejamos o conteúdo da letra da música:

## DESORDEM

Os presos fogem do presídio  
Imagens na televisão.  
Mais uma briga de torcidas,  
Acaba tudo em confusão.

A multidão enfurecida  
Queimou os carros da polícia.  
Os preços fogem do controle.  
Mas que loucura esta nação!  
Não é tentar o suicídio  
Querer andar na contramão?  
Não sei se existe mais justiça,  
Nem quando é pelas próprias mãos.  
População enlouquecida.  
Começa então o linchamento.  
Não sei se tudo vai arder  
Como algum líquido inflamável.  
O que mais pode acontecer  
Num país pobre e miserável?  
E ainda pode se encontrar  
Quem acredite no futuro...  
Quem quer manter a ordem?  
Quem quer criar desordem?  
É seu dever manter a ordem,  
É seu dever de cidadão,  
Mas o que é criar desordem,  
Quem é que diz o que é ou não?  
São sempre os mesmos governantes,  
Os mesmos que lucraram antes.  
Os sindicatos fazem greve  
Porque ninguém é consultado,  
Pois tudo tem que virar óleo  
Pra por na máquina do estado.  
Quem quer manter a ordem?  
Quem quer criar desordem?

### **Interpretando a Desordem**

A música "Desordem", de fácil compreensão, inicia-se resgatando imagens que passam na televisão e refletem a realidade da vida nas grandes cidades: fuga de presos, briga de torcidas em dia de jogo de futebol, revolta popular contra a polícia, enfim, várias situações em que imperam conflitos. Ainda hoje é possível assistir a reportagens de TV sobre fatos similares aos citados na letra, que podem ter como cenário qualquer cidade brasileira.

"Os presos fogem do presídio  
Imagens na televisão.

Mais uma briga de torcidas,  
Acaba tudo em confusão.

A multidão enfurecida  
Queimou os carros da polícia."

Já nos versos "Os preços fogem do controle. / Mas que

loucura esta nação!", é citada a situação econômica do país nos anos 80 a inflação galopante e os preços que ugiam ao controle do governo. Numa tentativa de conter taxas de inflação que chegavam a 80% ao mês, o Ministério da Economia passou a planejar e colocar em prática, com o aval do governo federal, planos econômicos que visavam reorganizar o modelo econômico. Os planos, que se apresentavam capazes de reverter a crise econômica, sucediam-se a cada mudança de Ministro ou Presidente da República. Até o final da década de 90, não se teve um plano que abarcasse o interesse da população por completo. Verifica-se a existência de algum controle sobre os preços dos produtos, notadamente, os de primeira necessidade, que, afinal, compõem a cesta básica da população carente. Ao mesmo tempo, o setor de prestação de serviços médicos, telefonia, combustíveis, etc. utilizados pelas classes com maior poder aquisitivo apresentam aumentos esporádicos

Nas palavras do ex-Ministro da Fazenda, Ernane Galveas, as estatísticas do PIB anunciadas pelo IBGE revelam que a situação econômica do final de 1998 não se agravou em 1999, mas a recessão continua de pé. "Recapitulando: a economia crescia até outubro de 1997; com a crise asiática, o brutal aumento dos juros provocou a recessão em novembro e dezembro, prosseguindo no 1º trimestre de 1998. Novamente a economia ganhou fôlego e cresceu no 2º trimestre, quando em agosto (crise da Rússia) dispararam os juros, retornando a recessão nos 3º e 4º trimestres. Neste 1º trimestre de 1999, a economia, embora com ligeira melhoria sobre o final do ano, ficou 1,0% abaixo do 1º trimestre de 98.(...) As atividades econômicas continuam cerceadas pelas taxas de juros e pela pesada carga tributária. Mas as taxas de juros estão caindo e a arrecadação fiscal aumentando, sem alterar o rumo dos acontecimentos. (...) O clima geral é de otimismo, apesar dos escândalos e da corrupção que vêm sendo constatados em importantes setores da vida nacional" (GALVEAS, 1999: 9-18).

Posteriormente, na música, vê-se citação sobre a justiça: "Não é tentar o suicídio / Querer andar na contramão? / Não sei se existe mais justiça, / Nem quando é pelas próprias mãos./ População enlouquecida./ Começa então o linchamento".

Pela letra da música, o que se vê é o povo promovendo a desordem, ou, sob outra ótica, buscando uma nova ordem, ao aplicar sua própria justiça. Tratam-se de pessoas que já não acreditam na justiça pública, que não está aparelhada "para oferecer, em tempo

hábil, o necessário respaldo". <sup>1</sup>Segundo o Professor Milton Santos, a justiça no Brasil é morosa graças ao acúmulo de processos e falta de condições adequadas de trabalho. O povo resolve, então, aplicar suas próprias regras, vingando-se pessoalmente de um mal cuja punição caberia ao Poder Público polícia e/ou juizes.

Mas a ação do povo não representa a Justiça norma reguladora do comportamento humano que consiste em dar a cada um aquilo que é seu. Poderia-se dizer que todo indivíduo tem a sua noção de justiça aquilo a que tem direito, e que a justiça para a multidão não é a mesma justiça para família de um linchado, e nem para ele próprio. Senão, quais motivos levariam essa pessoa a praticar o ato repugnado pela multidão enfurecida? De acordo com o professor Milton Santos, "certas comunidades desenvolvem ideologias particulares, reforçadas pelo espírito de clã que lhes parece indispensável à sobrevivência do grupo. (...) Substituindo a razão, a força funciona como um argumento respeitado pela ética do grupo"<sup>2</sup>. Assim funcionam os sistemas de vigilância nas favelas das grandes cidades, sob o comando de traficantes cujo objetivo é manter a polícia distante e controlar a vida dos moradores, de forma a garantir a continuidade do tráfico de drogas.

Nos versos "Não sei se tudo vai arder / Como algum líquido inflamável. / O que mais pode acontecer / Num país pobre e miserável?" fala-se em caos, dúvidas: essa sociedade irá arder em fogo? O que de pior pode acontecer num país pobre e miserável? Pobre em distribuição de renda; miserável em condições de vida, em infra-estrutura e em necessidades básicas à maioria da população: atendimento médico eficiente, transporte adequado, moradia digna, ligações de água e esgoto, vagas nas escolas públicas. Se se considerar que "atualmente cerca de  $\frac{3}{4}$  da população nacional vive em áreas urbanas (...) e que a modernização do país multiplicou os violentos contrastes que já caracterizavam a sociedade brasileira"<sup>3</sup>, a vida nas cidades torna-se, então, calamitosa, e agrega-se, aos fatores citados, o desemprego.

Com tantas necessidades não atendidas, acontecem reações cada vez mais violentas as chamadas convulsões sociais por parte dos desfavorecidos, que, sem condições dignas de sobrevivência, aumentam nas cidades. Trata-se de uma multidão de subempregos (catadores de papel, de latas de refrigerante, etc.), de mendigos, de

<sup>1</sup> SANTOS, Milton. *O espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1992. p. 68

<sup>2</sup> *ibidem*.

<sup>3</sup> PORTELA, Fernando. VESENTINI, José W. *Êxodo Rural e Urbanização*. p. 29-30.

menores abandonados e de andarilhos.

Em contrapartida, a multidão cobra uma atitude das autoridades, visto que a classe média também usufrui de serviços públicos que se encontram deficitários, tais como: a saúde, a educação e o transporte.

A letra da música cita ainda o otimismo de certas pessoas, que persistem acreditando no futuro, apesar de saberem das condições de pobreza em que tantos são obrigados a viver: "E ainda pode se encontrar / Quem acredite no futuro.../".

O refrão "Quem quer manter a ordem? / Quem quer criar desordem?", por outro lado, parece questionar acerca dos possíveis beneficiários diante do surgimento de determinadas situações; a quem interessa criar ou montar uma situação de revolta? Para o professor José Willian Vesentini, nas condições de autoritarismo político e de falta de democracia, "a violência policial é intensa sobre os mais pobres, as decisões de cima para baixo são norma rotineira em quase todos os setores da vida nacional, o que provoca, inevitavelmente, o domínio do mais forte, do mais poderoso"<sup>4</sup>, que tenta manter a ordem nacional.

A ordem citada pelos autores pode ser aquela relacionada à paz e harmonia dentro dos grupos humanos. Já a "desordem", para uma parcela da sociedade, é vista como balbúrdia e ameaça à vida nas cidades; mas para outra, envolvida diretamente nos conflitos, a "desordem" representa uma alerta para uma situação social que precisa ser revertida. Esse é o caso de manifestações de grupos organizados, dentre eles: sindicalistas e estudantes. O grupo dos Sem-Terra é um exemplo de organização cujo objetivo é conseguir um pedaço de chão para plantio de subsistência e estabelecer, com isso, a justa distribuição de terras a quem precisa a ordem. Numa dialética, a luta desse grupo atinge os interesses dos proprietários de terras, na medida em que eles entram como invasores em terra alheia e instalam uma desordem generalizada.

"O problema é que o brasileiro pobre é pobre de verdade. Isto é, ultrapassa os padrões aceitáveis pela comunidade internacional. (...) Os mais recentes estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA sobre o grau de desigualdade revelam que o ganho médio dos 10% mais ricos da população é 30 vezes maior do que o dos 40% mais pobres. (...) Segundo uma análise dos pesquisadores do IPEA, Ricardo Paes de Barros e Miguel Foguel, 37% dos brasileiros vivem em famílias com renda per capita inferior à linha de pobreza

<sup>4</sup> idem, p. 32.

nacional. Isso corresponde a um universo de 60 milhões de pessoas.<sup>5</sup> Conforme o artigo da jornalista Hila Rodrigues, a área social no Brasil recebe 20,9% do Produto Interno Bruto, algo que faz o país se destacar entre as nações que mais destinam recursos a essa área. Entretanto, há uma desigualdade na distribuição dela. De acordo com estudos do IPEA, "20% dos mais ricos do país ficam com 78,9% de todo o dinheiro que o governo investe em bolsas de estudo, enquanto que os 20% mais pobres detêm não mais que 3%. E não é diferente com as aposentadorias e pensões. Os 20% mais ricos abocanham 65,1% dos benefícios, ao passo que os 20% mais pobres ficam com os 2,4%".<sup>6</sup> Essa desigualdade na distribuição do bolo de recursos sociais contribui para que continuem existindo os casos de renda abaixo do limite de pobreza nacional.

Nos próximos versos da música: "É seu dever manter a ordem,/É seu dever de cidadão,/ Mas o que é criar desordem,/Quem é que diz o que é ou não? / São sempre os mesmos governantes, / Os mesmos que lucraram antes", fala-se no papel do cidadão que tem direitos civis e políticos, bem como deveres no contexto da sociedade. Questiona-se quem, na sociedade, identifica a ordem, e, afinal, o que ela é. De acordo com a letra da música, os governantes definem o que é a ordem e são eles que sempre lucram com a situação vigente, contra a qual o povo se rebela. Nessa interpretação, é o povo quem faz a desordem, ao se manifestar contra as decisões do governo. Isso leva a crer que a saída de quem está no poder é punir a revolta popular para que tudo permaneça como está.

Nos versos seguintes: "Os sindicatos fazem greve / Porque ninguém é consultado", os sindicatos organizam os trabalhadores para protestar contra mudanças no setor produtivo, por não terem o direito de discutir a conveniência dessas mudanças e o seu alcance sobre os trabalhadores.

Ainda no que se refere à análise sobre a situação do Estado o governo como um todo, Executivo, Legislativo e Judiciário, cabe ressaltar os versos "tudo tem que virar óleo / Pra por na máquina do estado". Se for considerado que o óleo que faz a máquina girar são os tributos que alimentam as contas do governo, então é possível depreender que os autores podem estar se referindo aos impostos e outros recolhimentos obrigatórios, pois é mediante a contribuição tributária de empresas e de pessoas físicas que o governo pode promover ações de melhoria nas cidades, beneficiando toda a

<sup>5</sup> RODRIGUES, Hila. Pobreza de espírito. In: *Revista O Estado de Minas Economia*, n° 17, set. 99. p. 19-20

<sup>6</sup> *ibidem*

população. O Estado, visto como máquina entidade ou organismo complexo, tem o papel de coordenar os vários setores da sociedade. No entanto, ao passo que institui uma política e um sistema econômico para sanar dificuldades, percebe-se que algumas medidas não agradam à totalidade dos habitantes, que se manifestam por meio de greves, passeatas e atos públicos.

O refrão repetido ao fim da música, "Quem quer manter a ordem? / Quem quer criar desordem?", leva-nos a um raciocínio quanto a quem interessa manter a ordem vigente aos políticos e às classes favorecidas pelo sistema sócio-econômico existente e quem quer criar "desordem" os menos favorecidos e os manifestantes dos protestos.

Caso os conflitos na sociedade sejam pensados mais profundamente, será possível ver que existem revoltas populares, mas que também há muita desordem provocada por pessoas de classes mais elevadas que, aparentemente, não têm motivo algum que a justifique. Como exemplo pode ser citada a violência entre jovens de classe média/alta nas grandes cidades, tais como: Rio de Janeiro, onde as gangues de jovens lutadores de *jiu-jitsu* são apelidados de "pitt boys", em referência a seus cães de estimação da raça *pittbull*, animais extremamente violentos, capazes de atacar e matar pessoas sem motivo algum, a não ser um instinto brutal. Esses jovens são causadores de distúrbios urbanos, pois promovem brigas nas ruas e envolvem-se em crimes. Isso mostra a prática da desordem através de outro prisma e que, também, é preciso buscar o conhecimento sobre os motivos que os levam à rebeldia, à violência e à destruição, insurgindo-se contra regras da sociedade.

### **Caminhos para compreensão da Desordem**

A música "Desordem", além de ser interrogativa, tenta apontar caminhos para a compreensão acerca da desordem nacional; ou seja, as causas das brigas, da violência no campo e nas cidades e dos linchamentos.

Em dicionários da língua portuguesa, a palavra 'desordem' significa: "desarranjo, confusão, desalinho, desvairamento, motim, rixa". Segundo Bergson, em sua análise no dicionário de filosofia, há uma "função positiva da noção de desordem. Ela não exprime a ausência absoluta de ordem, mas só a ausência da ordem *procurada* e a presença de uma ordem diferente"<sup>7</sup>. Relacionando essa teoria à interpretação da música "Desordem", *procura-se* uma ordem

<sup>7</sup>ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de filosofia*. P.730.

representada pela obediência a um sistema econômico e de governo, que nem sempre é justo e igualitário a todos; mas o que se encontra são manifestações populares que apontam para a necessidade de mudanças. Em outras palavras, o povo tenta colocar uma ordem *diferente*, chamar a atenção para a importância de instaurar um sistema que proporcione um modo de vida mais digno a todos e não somente a alguns a quem a atual ordem nacional agrada. Por isso, as massas se agitam, e ocorrem as brigas, as revoltas, os crimes, a violência.

Por outro lado, o conceito de cidadania "só pode ser sustentado pela atividade política pela noção de que fazemos, todos, parte de um espaço público que define nossos direitos e deveres"<sup>8</sup>. Portanto, se existem direitos, o cidadão também precisa cumprir com seus deveres e estar ciente de sua contribuição à comunidade por intermédio da interação com o grupo, do respeito às diferenças e do convívio com a pluralidade.

Segundo Thomas Hobbes, a existência do Estado é necessária para conter os interesses particulares, uma vez que no vigor da liberdade individual instalaria-se o conflito. Para o filósofo, o homem, em seu estado de natureza, teria direitos sobre tudo, e isso geraria guerras intermináveis para verificar-se a quem realmente fariam jus as melhores oportunidades.

Ao se recuar no tempo para analisar os interesses individuais e a posição do Estado, vemos que este já atuou de modo mais forte no apoio ao trabalhador, e que hoje o sistema econômico está reduzindo os benefícios conquistados. "Por volta de 1950 os efeitos do liberalismo econômico eram bem claros para todos. Estava evidente que a lei do mercado só era capaz de assegurar o bem-estar daqueles que já o tinham de sobra e que não se podia deixar apenas aos sabores do mercado o desenvolvimento do Estado. Nesse cenário, políticos liberais ingleses e norte-americanos passaram a aceitar a intervenção estatal como forma de superar injustiças sociais e promover o desenvolvimento. O Estado do bem-estar social (Welfare State) combina liberalismo político com intervenção estatal na economia e cria a maior parte dos mecanismos de proteção aos trabalhadores que hoje os neoliberais combatem: previdência social, sistemas de saúde, licença-maternidade, seguro-desemprego, férias remuneradas, 13º salário, etc"<sup>9</sup>.

Hoje passa-se por governos neo-liberais que tentam acabar

<sup>8</sup> ARBEX JR., José. Barbosa e Salette, história sem fim. In: *Revista Caros Amigos*, fevereiro 1998, p. 10.

<sup>9</sup> SENAC. DN. *Formação e trabalho*. Davide Mota. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997, p. 46.

com as conquistas do chamado governo "paternalista", o que parece ser decorrente da própria economia globalizada, que condiciona pessoas e empresas à competitividade desenfreada. Isso significa que população se vê cada vez mais entregue à própria sorte, e o desemprego e outras causas contribuem para a existência de rebeliões. Nesse sentido, a conclusão a que se pode chegar é que há poucas políticas que pretendam melhorar efetivamente as condições de vida da grande maioria da população, especialmente no que tange à ampliação dos postos de trabalho, remuneração do trabalhador e redistribuição de renda em geral.

O país mudou bastante nas últimas décadas; deixou de ser rural e agrário para se tornar urbano e industrial. Com sua modernização, houve "uma rápida industrialização acompanhada por um intenso êxodo rural gerador da urbanização"<sup>10</sup> que culminaram no inchaço das cidades. Em vez de evoluírem num crescimento ordenado, os municípios passaram a apresentar cinturões de pobreza: favelas formadas por imigrantes da zona rural ou de outras cidades em torno de centros comerciais. Tal fato implica que as cidades não estão em condições de atender aos requisitos do seu crescimento populacional no que se refere à infra-estrutura e às condições de vida para a população.

Existe, portanto, a necessidade de se criar políticas públicas que ataquem a raiz desse colapso atual, numa tendência mais social-democrata que liberal, de modo a levar maior equilíbrio às relações sociais que se configuram no espaço urbano. No dizer de Bolívar Lamounier, "social-democracia é uma reforma social dentro do capitalismo. É uma corrente política que luta por melhor distribuição de renda e pela redução das desigualdades sociais, mas aceita a economia de mercado"<sup>11</sup>. Conforme o artigo de Lamounier, uma política de melhoria social no Brasil "não é tarefa para um só partido, (...) mas para uma coalizão ampla, que precisa ser sustentada durante um longo período, dada a dimensão e a profundidade de nossas desigualdades sociais. Depende de um esforço político a ser feito não apenas pelo governo federal mas também pelos estados e municípios. E não apenas pelo Executivo, mas também pelo Legislativo, sem dispensar um esforço também substancial de modernização e arejamento do Judiciário"<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> PORTELA, Fernando. VESENTINI, José W. *Êxodo Rural e Urbanização*, p. 29

<sup>11</sup> LAMOUNIER, Bolívar. Tudo pelo Social? In: *Brasil em Exame* 98, p. 26 -28.

<sup>12</sup> Idem

## Sugestões ao professor

A fim de realizar um trabalho em sala de aula, o professor poderá promover a audição da música e a discussão da letra com os alunos.

Torna-se importante avaliar a diferença entre as músicas que tocavam na década de 1980 e as que têm sido executadas em fins dos anos 90. Pode-se fazer uma referência às décadas passadas, quando a música era veículo de um determinado tipo de protesto, especificamente da juventude. A partir de 1988, a música sertaneja começa a invadir o mercado e chega às FMs, que, até então, só tocavam rock, MPB e canções internacionais. Pouco depois, impõem-se o "axé music" e o "pagode". O rock passou, então, por um período de sumiço nos anos 90, para retornar às emissoras de rádio sob a forma de regravações de sucessos antigos e mesmo de novas composições nesse final da década. Hoje as emissora, após uma época em que imperaram a música sertaneja e o pagode, estão redescobrimdo o rock. Nesse sentido, os alunos podem ser levados a desenvolver várias atividades de análise e pesquisa.

1) Avaliação do conteúdo de músicas dos anos 80 e 90.

- a) Relacionar as músicas que estão fazendo sucesso atualmente, de acordo com as emissoras de rádio e programas de TV, e classificá-las conforme o ritmo: samba-pagode, rock, sertaneja, romântica. Em seguida, o aluno deve escolher uma música e escrever a sua letra. Depois, divididos em grupos, os alunos irão confrontar as letras e verificar se alguma faz alusão ao tema "a cidade e o urbano".
- b) Com base no trabalho realizado anteriormente, o aluno pode verificar se as letras das músicas atuais, que citam a vida nas cidades, revelam preocupações semelhantes às da música "Desordem" violência, justiça e pobreza. Caso contrário, qual é o tema central explorado pelas músicas escolhidas?
- c) Após esse trabalho, o professor pode fazer o fechamento do estudo sobre a música "Desordem", com uma análise da diferença de enfoque existente nas músicas dos anos 80 e nas músicas dos anos 90 (que já não fazem crítica à sociedade da mesma forma que na década passada), tendo por base também os próprios trabalhos dos alunos.

2) Trabalho de pesquisa em jornais.

Procurar em jornais, notícias de revoltas ou conflitos na cidade (rebeliões em presídio, briga em estádios, linchamentos, confusões, crimes). Discutir e analisar a notícia com os alunos e verificar as

causas desses conflitos:

- a) carência de meios para sobrevivência (alimentos, abrigo);
- b) às condições de vida (em presídios, abrigos, entidades responsáveis por menores);
- c) rebeldia de jovens de classe média-alta;
- d) tumulto decorrente de aglomerações de pessoas;
- e) movimento feito por grupos organizados. 1987

### Obra de referência

Música: Desordem; Autor: Sérgio Brito, Marcelo Fromer e Charles Gavin

Intérprete: Titãs,

Nome do LP: Jesus não tem dentes no país dos banguelas.

Número da Faixa: 3; Lado: A; Produtora: BMG ARIOLA DISCOS Ltda.

Distribuidora: WEA DISCOS Ltda.; Local: São Paulo; Ano: 1987

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.30

ARBEX JR., José. Barbosa e Salete, história sem fim. In: *Revista Caros Amigos*, fevereiro 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GALVEAS, Ernane. Síntese da Conjuntura Atividades Econômicas. In: *Carta Mensal*. Confederação Nacional do Comércio. Vol. 45, número 531. Rio de Janeiro: Cia Editora e Gráfica Barbero, junho/1999.

LAMOUNIER, Bolívar. Tudo pelo Social? In: *Brasil em Exame 98*. São Paulo: Editora Abril, nº 673, 1998. Encarte da Revista Exame.

PORTELA, Fernando. VESENTINI, José W. *Êxodo Rural e Urbanização*. Série Viagem pela Geografia. São Paulo: Ática, 1988.

RODRIGUES, Hila. Pobreza de espírito. In: *Revista O Estado de Minas Economia*. Minas Gerais nº 17, set./99. p. 18-27.

SANTOS, Milton. *O espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1992.

SENAC. DN. *Formação e trabalho*. Davide Mota. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 1997.